



## As mulheres são realmente menos educadas financeiramente? O efeito “não sei”

### Are women really less financially educated? The “don't know” effect

**Ani Caroline Grigion Potrich**

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Brasil

[anipotrich@gmail.com](mailto:anipotrich@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9444-5267>

**Kelmara Mendes Vieira**

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – Brasil

[kelmara@terra.com.br](mailto:kelmara@terra.com.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8847-0941>

**Ana Luiza Paraboni**

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Brasil

[anaparaboni@gmail.com](mailto:anaparaboni@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5997-1889>

**Recebido:** 23 Setembro 2021

**Revisado:** 05 Julho 2022

**Aceito:** 18 Agosto 2022

#### Resumo

**Objetivos:** diversas pesquisas apresentam as mulheres como menos educadas financeiramente do que os homens. No entanto, este artigo inova ao buscar explicar se as diferenças de gênero são influenciadas pela estrutura dos instrumentos utilizados para avaliar a educação financeira, ou seja, o efeito *framing* das categorias de resposta. **Metodologia:** foi realizado um quase-experimento com 489 estudantes universitários, os quais responderam a dois questionários, um seguido do outro, diferindo-se nas questões de conhecimento financeiro, com ou sem a opção de resposta “não sei” em cada questão. Já para análise dos dados foram utilizadas estatísticas descritivas e técnicas de análise multivariada. **Resultados:** comprovou-se a hipótese do estudo de que parte das diferenças de gênero em educação financeira é devida ao fato das mulheres marcarem mais a opção “não sei”, especialmente nas questões que representam níveis mais avançados de conhecimento financeiro. Mais especificamente, constatou-se que o uso do “não sei” aumenta, em média, a diferença de gênero em 67%, comprovando a existência do efeito *framing*. **Contribuições:** como principal contribuição deste trabalho, evidencia-se a importância dos pesquisadores analisarem em quais situações o uso da alternativa “não sei” é realmente importante e qual tratamento deverá ser incorporado às suas análises para avaliação do seu impacto, especialmente em estudos de gênero. Além disso, fica evidente a necessidade de metodologias mais específicas a fim de promover cursos de educação financeira, não apenas focados para o ensino de conceitos financeiros, mas com ações que desenvolvam a autoconfiança dos indivíduos, em especial, das mulheres.

**Palavras-chave:** Educação financeira; gênero; efeito “não sei”.

#### Abstract

**Purpose:** There are several surveys, which present women as less financially educated than men. However, this paper breaks new grounds by explaining whether gender differences are influenced by the structure of the instruments used to assess financial education. In other words, the framing effect of response categories. **Methodology:** a quasi-experiment was carried out with 489 university students, who answered two questionnaires, one followed by the other, differing in the questions of financial knowledge, with or without the option to answer “I don't know” in each question. For data analysis, descriptive statistics and multivariate analysis techniques were used. **Results:** as a result, we successfully proved the study's hypothesis, in that part of the gender differences in financial education is because women mark the “I don't know” option more, especially on issues that represent more advanced levels of financial knowledge. More specifically, it was found that the use of “I don't know” increases, on average, the gender difference by 67%, proving the existence of the framing effect. **Contributions:** as the main contribution of this work, the importance of researchers is highlighted to analyze in which situations the use of the alternative “I don't know” is really important and which treatment should be incorporated into their analyzes to assess its impact, especially in gender studies. In addition, the need for more specific methodologies is evident in order to promote financial

education courses, not only focused on teaching financial concepts, but with actions that develop the self-confidence of individuals, especially women.

**Keywords:** Gender; financial education; effect “I don't know”.

## 1. Introdução

Nos últimos anos, o papel desempenhado pelos governos e empregadores para assegurar o futuro financeiro dos indivíduos diminuiu significativamente, principalmente em economias ainda não muito desenvolvidas. Ocorreram mudanças de estruturas de apoio social, aumento dos custos com cuidados de saúde e alimentação, além da crescente sofisticação e diversificação dos produtos financeiros. Assim, tornou-se importante que a população desenvolva uma maior compreensão do mundo das finanças para garantir seu futuro. Porém, para que seja possível atingir essa maior compreensão, é preciso que ocorra a disseminação da educação financeira na sociedade (Agarwalla, Barua, Jacob, & Varma, 2015).

A *Organization for Economic Co-Operation and Development* [OECD] (2013) define a educação financeira como o processo em que os indivíduos melhoram a sua compreensão sobre os produtos financeiros e seus conceitos e riscos e, com isso, podem desenvolver habilidades necessárias para tomar decisões fundamentais e seguras, melhorando o seu bem-estar. Sendo assim, o conhecimento financeiro auxilia na tomada de decisão quanto à escolha de produtos financeiros adequados, bem como na habilidade para cálculos matemáticos, garantindo bem-estar financeiro.

Além disso, quando o assunto é educação financeira, a quase totalidade da literatura aponta para o fato de que mulheres são menos alfabetizadas que os homens. Apesar dos estudos divergirem quanto ao conceito, à forma de mensuração, aos países de análise, aos sujeitos amostrais, aos testes estatísticos, no geral, o resultado se mantém. Uma série de estudos vem investigando as diferenças de gênero quando o assunto é educação financeira. O estudo de Cupák, Fessler, Schneebaum e Silgoner (2018), por exemplo, utilizou dados de 12 países e evidenciou que a diferença de gênero é claramente visível para a maioria dos países, variando de 3% na Croácia e na Rússia a mais de 20% na Holanda. No entanto, os autores mencionam que a parte inexplicável deste *gap* é maior que a parte explicada pelas diferenças nas características pessoais dos indivíduos. Bucher-Koenen, Lusardi, Alessie e Van Rooij (2017) encontraram resultados semelhantes. Os autores evidenciaram diferenças de gênero semelhantes entre países, de forma que quando solicitadas a responder perguntas que medem o conhecimento de conceitos financeiros básicos, as mulheres são menos propensas do que os homens a responder corretamente.

Quanto ao motivo pelo qual existe essa diferença, surgem algumas hipóteses. Falahati e Paim (2012) argumentam que há muito tempo surgiu a tradição por parte das famílias de adotarem uma estratégia de socialização financeira mais protecionista para as mulheres. Assim, apenas os homens são incentivados a participar da tomada de decisões financeiras, levando-os a adquirirem maior conhecimento e visão mais ampla de finanças. No entanto, mais recentemente, outras explicações vêm sendo apresentadas. Uma delas seria que as mulheres confiam menos que os homens no seu nível de conhecimento financeiro, sugerindo falta de autoconfiança em suas decisões financeiras (Agarwalla *et al.*, 2015; Bucher-Koenen *et al.*, 2017).

Diante disso, este artigo inova ao analisar se as diferenças de gênero em educação financeira são influenciadas pela estrutura dos instrumentos utilizados para avaliar a educação financeira, ou seja, o efeito *framing* das categorias de resposta. O efeito *framing* se refere ao fato de que modos diferentes de apresentar a mesma informação frequentemente evocam diferentes comportamentos (Kahneman, 2013). A hipótese do estudo é de que pelo menos em parte, as diferenças de gênero em educação financeira são devidas ao fato das mulheres marcarem mais a opção “não sei”. O uso da alternativa “não sei” permite que o respondente indique o seu total desconhecimento do assunto abordado na questão, tendo assim a vantagem de evitar que a probabilidade do acerto aleatório, ou seja, evita que o entrevistado acerte a questão simplesmente por ter selecionado ao acaso a resposta correta.

A procura pela origem das diferenças de gênero na educação financeira é fundamental para que o tema possa ser melhor compreendido e assim possibilitar a criação de estratégias mais eficazes e específicas que busquem aumentar os níveis de educação financeira na população. Diversos países e instituições estão preocupados em desenvolver políticas a fim de melhorar o nível de educação financeira dos cidadãos, pois indivíduos com um melhor nível de educação financeira conseguem planejar melhor seus gastos, realizar mais os seus desejos, aumentar seu poder de compra e contribuir favoravelmente para o desenvolvimento de um país. Tais políticas poderiam se tornar mais efetivas se forem descobertas as causas dessa diferença entre os gêneros.

## 2. Educação financeira

Em frente à devastadora crise econômica em que muitos países se encontram atualmente, tomar decisões financeiras acertadas está cada vez mais difícil e, ao mesmo tempo, mais decisivo tendo em vista o futuro. O grande volume de produtos financeiros ofertados no mercado possibilita que cada vez mais os indivíduos tenham acesso a empréstimos, cartão de crédito ou simplesmente a abertura de uma conta corrente. Todavia, atuar nesse cenário complexo, de maneira responsável, requer a presença de alguns conhecimentos específicos financeiros (Remund, 2010) que sejam capazes de tornar uma pessoa educada financeiramente.

Inicialmente, é importante estabelecer a distinção entre os termos educação financeira e alfabetização financeira, denominada em inglês como "*financial literacy*", pois diversos autores utilizam essas palavras como sinônimas, apesar de serem conceitualmente diferentes (Huston, 2010). Para a OECD (2013), a educação financeira, que também pode ser chamada de conhecimento financeiro, é definida como um processo em que os indivíduos melhoram a sua compreensão sobre os produtos financeiros e seus conceitos e riscos, de maneira que, a partir de informações e recomendações claras, possam desenvolver habilidades e confiança necessárias para tomar decisões fundamentais e seguras, melhorando o seu bem-estar. Já a alfabetização financeira, que vai além do escopo desse trabalho, representa a utilização da educação financeira, ou seja, a aplicação de tais conhecimentos na gestão das finanças pessoais, a capacidade de usar este conhecimento e as habilidades adquiridas para gerir de forma eficaz os recursos, proporcionando um bem-estar financeiro (McCormeck, 2009; Huston, 2010; Robb, Babiarz, & Woodyard, 2012).

Para a OECD, a educação financeira engloba o conhecimento financeiro de questões relacionadas a conceitos como juros simples e compostos, risco, retorno e inflação (Atkinson & Messy, 2012). Essas informações auxiliam os indivíduos na gestão dos recursos monetários, pois fornece instruções e informação sobre temas e conceitos financeiros básicos, além de ser útil para a gestão de renda e do orçamento familiar. Dessa forma, a educação financeira tem como objetivo fazer com que os consumidores adquiram os conhecimentos básicos e habilidades que eles precisam para entenderem as escolhas que enfrentam (Ambuehl, Bernheim, & Lusardi, 2014).

A educação financeira normalmente está atrelada a uma série de benefícios para os indivíduos, de forma que essa capacidade financeira prepara os indivíduos para realizarem melhores escolhas, evitarem armadilhas, saberem aonde ir para obter ajuda e tomar outras decisões para melhorar o presente e o bem-estar financeiro de longo prazo (President's Advisory Council on Financial Capability, 2010). Além disso, um maior conhecimento financeiro leva também a decisões de poupança e investimento mais adequadas, melhor gestão da dívida, maior planejamento da aposentadoria, participação mais elevada no mercado de ações, e maior acumulação de riqueza (Lusardi & Mitchell, 2014). Por outro lado, existem evidências de que indivíduos com menores níveis de educação financeira deixam de investir sabiamente, e muitas vezes acabam se endividando e pegando empréstimos com altas taxas de juros (Reed & Cochrane, 2012). Nesse sentido, falências pessoais e até mesmo despejos podem ser algumas das consequências catastróficas (Opletalová, 2015).

Ao buscarem compreender questões referentes à tomada de decisão financeira, Ambuehl *et al.* (2014) utilizaram uma escala com cinco questões intitulada, de acordo com os autores, de competência financeira. Apesar da denominação diferente, a escala busca entender questões semelhantes as do conhecimento financeiro, principalmente tratando-se de juros compostos. Um exemplo de questão utilizada pelos autores é o seguinte: "Se a taxa de juros é de 10% ao ano (juros compostos anualmente), quantos anos demora para o investimento dobrar?"

Já Clark, Lusardi e Mitchell (2015), investigando a relação entre o conhecimento financeiro e retornos esperados, utilizaram cinco variáveis. As três primeiras, que envolvem taxa de juros, inflação e risco, foram desenvolvidas por Lusardi e Mitchell (2008) e também foram utilizadas por outros estudos incluindo a US National Financial Capability Study. Em seguida, os autores utilizaram duas questões elaboradas por Clark, Maki e Morrill (2014), as quais indagam sobre compensação fiscal e saldo final na conta de aposentadoria após a contribuição do empregador.

Um estudo denominado *National Financial Capability Study* [NFCS] foi desenvolvido, em 2009, pela *Financial Industry Regulatory Authority* [FINRA] com o objetivo de estabelecer uma medida de referência da capacidade financeira dos adultos americanos. O instrumento de pesquisa contém cento e trinta perguntas, sendo que as questões utilizadas no estudo contemplam, além de outras abordagens, assuntos como: capitalização de juros, a diversificação do risco, a inflação, a relação entre os preços dos títulos e das taxas de juros e da relação entre as taxas de juros das hipotecas e seus horizontes de pagamento (NFCS, 2013).

Além disso, a OECD também desenvolveu um questionário com oito questões em busca da compreensão do tema. As perguntas visam a compreensão de cálculos de juros, a relação entre inflação e retorno, a inflação e os preços, o risco e o retorno, bem como o papel da diversificação na redução do risco. A pontuação da escala varia de um a oito, sendo atribuído peso um para cada acerto, onde

valores superiores a seis classificam os indivíduos como altamente experientes para lidar com os desafios em questões financeiras pessoais (OECD, 2013).

De maneira semelhante, Van Rooij, Lusardi e Alessie (2011) elaboraram um instrumento com o intuito de relacionar a alfabetização financeira e o planejamento da aposentadoria. Apesar da denominação, o questionário se pauta apenas no conhecimento financeiro, sendo composto por questões que contemplam itens como habilidades numéricas, compreensão de conceitos como inflação, juros simples, juros compostos, valor do dinheiro no tempo, ações, títulos e fundos mútuos, diversificação de risco e trade-off entre risco e retorno. Utilizando quatro questões que abrangem taxas de juros, juros compostos, inflação e descontos de vendas, Klapper, Lusardi e Panos (2013) também investigaram o conhecimento financeiro. Mais recentemente, Vieira, Potrich e Bressan (2020) propuseram quatro instrumentos para a avaliação do conhecimento financeiro, os quais possuem vinte e quatro, doze, nove ou sete questões.

### 2.1. Educação financeira e gênero

Ao buscarem as diferenças no nível de educação financeira com relação ao gênero, diversas pesquisas, em diferentes países e amostras, verificaram que as mulheres têm menos conhecimento financeiro que os homens. Estudos realizados na Alemanha, Holanda, Suíça, Suécia, Japão, Itália, França, Austrália, Nova Zelândia, Rússia, Romênia, Estados Unidos, Ghana, utilizando como instrumento de pesquisa questões propostas por Lusardi e Mitchel (2008), revelaram que os indivíduos do gênero masculino foram muito mais propensos do que as mulheres a responder corretamente as questões propostas (Fornero & Monticone, 2011; Sekita, 2011; Crossan, Feslier, & Hurnard, 2011; Alessie, Van Rooij, & Lusardi, 2011; Brown & Graf, 2013; Arrondel, Debbich, & Savignac, 2013; Beckmann, 2013; Agnew, Bateman, & Tharp, 2013; Mitchell & Lusardi, 2015; Bucher-Koenen *et al.*, 2017; Adam *et al.*, 2018; Hastings & Mitchell, 2020).

Uma pesquisa realizada por Mottola (2013) nos Estados Unidos, através da aplicação das três questões desenvolvidas por Lusardi e Mitchell (2008) considerando taxa de juros, inflação e risco, uma questão sobre os preços de títulos, também desenvolvida por Lusardi, em colaboração com Rob Alessie e Maarten Van Rooij e uma questão de hipotecas também revelou diferenças entre os gêneros, onde as mulheres tiveram pior desempenho que os homens ao responderem as perguntas. Na Índia, através da utilização do questionário desenvolvido pela OECD INFI, chegaram-se as mesmas conclusões quanto à diferença de gênero (Agarwalla *et al.*, 2015).

Outro estudo de grande relevância para o tema foi realizado pela Rede Internacional da OCDE, realizado em 14 países, onde eram aplicadas oito perguntas para avaliar o conhecimento financeiro dos indivíduos. Analisando variações entre os países e nas características sociodemográficas dentro dos países, identificou-se que as mulheres têm níveis muito mais baixos de conhecimento financeiro do que os homens em quase todos os países estudados (Hungria é a exceção). No Reino Unido, por exemplo, enquanto 67% dos homens ganharam pontuação de seis ou mais na medida do conhecimento, apenas 40% das mulheres obtiveram o mesmo; na Alemanha as percentagens correspondentes são 67% e 50% (Atkinson & Messy, 2012).

No Brasil, ainda se tem poucos estudos sobre o tema. Potrich, Vieira e Kirch (2015) investigaram a influência das variáveis socioeconômicas e demográficas sobre a alfabetização financeira, em suas três dimensões (conhecimento, atitude e comportamento financeiros), nas sete mesorregiões do estado do Rio Grande do Sul. Ao analisar as diferenças de conhecimento financeiro entre os grupos, observou-se que os homens também obtiveram melhor desempenho do que as mulheres, tanto no total, quanto no conhecimento básico e avançado.

Goyal e Kumar (2021) sugerem que as diferenças de gênero, teriam pelo menos três razões: a principal causa seriam as normas sociais associadas à participação das mulheres nas decisões econômicas (Cupák *et al.*, 2018); a presença de crenças estereotipadas, que levariam ao subinvestimento em conhecimento financeiro por parte das mulheres (Driva, Lührmann, & Winter, 2016) e a socialização financeira parental com preconceito de gênero em casa (Agnew, Maras, & Moon, 2018). Rink, Walle e Klasen (2021) acrescentam o papel da cultura, especialmente as diferenças entre estados patriarcais e matrilineares, para a origem das diferenças de gênero no conhecimento financeiro.

Neste sentido, alguns autores como Falahati e Paim (2012) e Agarwalla *et al.* (2015) atribuem as diferenças de gênero à tradição de os homens desde cedo adquirirem um maior conhecimento e ter uma visão mais ampla das questões financeiras, assumindo a responsabilidade para as finanças da família, o que poderia tornar as mulheres menos propensas a adquirir conhecimentos financeiros ou serem prudentes em seu comportamento financeiro. No entanto, se essa justificativa fosse verdadeira, as diferenças de desempenho iriam diminuir ao longo do tempo, diferentemente do que está



acontecendo (Mitchell & Lusardi, 2015), tendo em vista que as mulheres estão ganhando mais espaço no mercado de trabalho.

Uma explicação que vem sendo discutida para justificar tais achados, é que quando solicitadas a avaliar o seu conhecimento financeiro, as mulheres tendem a darem-se pontuações mais baixas do que os homens, sugerindo falta de confiança na tomada de decisões (Bucher-Koenen *et al.*, 2017). Por outro lado, de acordo com Agarwalla *et al.* (2015), os homens confiam mais no seu conhecimento financeiro e relatam ser muito confiantes sobre suas respostas.

Segundo o último levantamento do índice de finanças pessoais (TIAA *Institute* - GFLEC *P-Fin Index*) por Yakoboski, Lusardi e Hasler (2018), em média, os indivíduos responderam com a alternativa “não sei” em 24% das questões do índice, sendo que as áreas com maiores percentuais de respostas “não sei” em relação às respostas totais foram: ganho, fontes de informação, e investimento (todas com 29%). Estas também são as áreas em que respostas “não sei” foram mais comuns do que respostas incorretas (de 55% a 60% das respostas incorretas). Em contrapartida, a área “compreendendo risco”, que é a subcategoria com menor alfabetização financeira, apresentou apenas 40% de respostas “não sei” em relação ao total de respostas incorretas. Isso revela que uma resposta “não sei” pode apresentar mais informações do que uma simples resposta incorreta: a resposta “não sei” geralmente representa uma lacuna maior de conhecimento e compreensão do tema do que uma resposta incorreta, pois denota que falta para o indivíduo até mesmo o conhecimento básico para arriscar uma resposta. Também há evidências de que respostas “não sei” representem a falta de confiança do indivíduo acerca de seu conhecimento sobre tema questionado (Yakoboski *et al.*, 2018).

Um fato notável é que as mulheres são muito mais propensas que os homens a responderem “não sei” nas questões propostas (Mitchell & Lusardi, 2015; Klapper & Panos, 2011; Arrondel *et al.*, 2013; Beckmann, 2013; Agnew *et al.*, 2013; Bucher-Koenen *et al.*, 2017). Especificamente, na pesquisa de Bucher-Koenen *et al.* (2017) a proporção de respostas “não sei” foi particularmente elevada na questão da diversificação do risco. Metade das mulheres respondeu “não sei” pelo menos em uma das três questões propostas na pesquisa. As mulheres em todos os três países estudados ficaram entre treze e dezessete pontos percentuais mais propensas a responder com “não sei fazer”.

### 3. Método

No presente estudo foi realizada uma pesquisa de caráter quase-experimental, uma vez que em Ciências Sociais Aplicadas, onde grande parte das pesquisas analisa os indivíduos, o controle do experimento é um desafio. Surge então, a proposta de realização de quase-experimentos. Conforme Cozby (2006), os delineamentos quase-experimentais surgiram da necessidade de realizar pesquisas aplicadas, em situações que não é possível atingir o mesmo grau de controle que nos delineamentos experimentais propriamente ditos. Diversos estudos usando este método têm sido aplicados com estudantes universitários, como por exemplo, a pesquisa desenvolvida por Heinz, Quintana e Cruz (2019), que realizou um quase-experimento para avaliar o desenvolvimento cognitivo e afetivo alcançado com a técnica de ensino de método de caso. Com isso, tem-se como um dos objetivos da pesquisa, desenvolver um quase-experimento para avaliar o conhecimento financeiro entre os gêneros, analisando a escolha da opção “não sei”.

O estudo foi desenvolvido mediante a aplicação de dois questionários, aplicados um após o outro, com o mesmo grupo de indivíduos. Com isso, tem-se um delineamento experimental com medidas repetidas. Cozby (2006) firma que neste tipo de experimento os participantes passam por repetidas mensurações da variável dependente (neste caso, o construto conhecimento financeiro é a variável dependente), após cada condição experimental.

Para a coleta de dados foi utilizado dois questionários, um seguido do outro, com 25 questões cada. Sendo compostos por uma questão de gênero (homem/mulher) e para a mensuração da educação financeira foram utilizadas 24 questões adaptadas de Van Rooij *et al.* (2011), OECD (2013), Klapper *et al.* (2013), NFCS (2013), Lusardi, Oggero e Yakoboski (2017), Yakoboski *et al.* (2018) e OECD (2018). É importante ressaltar que a utilização das questões se deu após três etapas: tradução reversa, avaliação de especialistas e pré-teste. Realizou-se esse processo com o intuito de verificar se a semântica estava coerente, bem como se os questionamentos estavam realmente questionando o que se pretendia investigar.

A escala de educação financeira foi dividida em três níveis de conhecimento (básico, intermediário e avançado), com questões que buscam compreender o nível de conhecimento do respondente em relação à inflação, taxa de juros, valor do dinheiro no tempo, risco, retorno, diversificação, mercado de ações, crédito, títulos públicos, entre outros. O primeiro instrumento de coleta de dados pode ser conferido na íntegra no Anexo 1. Na primeira etapa, os entrevistados receberam este instrumento onde todas as questões tinham a categoria de resposta “não sei”. Na segunda etapa, o entrevistado recebeu um segundo instrumento, que continha as mesmas 24 questões de múltipla escolha referente à

educação financeira, sem a categoria de resposta “não sei”. Para garantir o anonimato, além das instruções, todos os entrevistados receberam um código numérico para identificação do instrumento.

Já a amostra pesquisada foram estudantes universitários dos cursos de graduação em Administração de três grandes universidades brasileiras, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Maria e Universidade Federal de Uberlândia, a fim identificar o comportamento das respostas em três estados distintos e em um curso que possui disciplinas relacionadas às finanças. Assim, ao final da coleta de dados, obteve-se uma amostra de 489 estudantes do curso de graduação em Administração (idade média 24 anos), divididos proporcionalmente entre estudantes do gênero masculino e feminino (amostra final totalizou 52,4% do gênero masculino e 47,6% feminino).

Para a análise dos dados coletados foram utilizadas a estatística descritiva e técnicas de análise multivariada, aplicadas por meio do *software* SPSS 20.0. Para a análise da educação financeira foi construído um índice de educação financeira, composto pela soma dos acertos obtidos pelo respondente em cada uma das questões. Dessa forma, a pontuação do índice variou de 0 (pontuação obtida se o indivíduo errar todas as questões) a 24 (pontuação obtida caso o indivíduo acerte todas as questões). De acordo com a pontuação obtida, os respondentes foram classificados como detentores de baixo nível de educação financeira (pontuação inferior a 60% do máximo, ou seja, pontuação inferior a 14), nível mediano de educação financeira (entre 60% e 79% da pontuação máxima, ou seja, pontuação entre 15 e 19) e alto nível de educação financeira (acima de 80% da pontuação máxima, ou seja, pontuação superior a 20 pontos). Tal classificação foi estabelecida por Chen e Volpe (1998).

Na análise dos dados, além das estatísticas descritivas, foram utilizados os testes qui-quadrado de Pearson, Mann-Whitney e Wilcoxon. O teste do Qui-quadrado serve para quando o pesquisador quer ver se existe um relacionamento entre duas variáveis categóricas (Field, 2009). Já os testes de Mann-Whitney e Wilcoxon são testes não-paramétricos que investigam diferenças de média. Malhotra (2012) esclarece que o teste de Mann-Whitney compara a diferença de posição de duas populações, baseada em observações de duas amostras independentes. Já o teste de Wilcoxon analisa as diferenças entre observações pareadas, levando em conta a magnitude das diferenças. Por fim, salienta-se que a escolha pelos testes não paramétricos se deu em virtude de serem testes de distribuição livre, fazendo poucas suposições sobre os tipos de dados que podem ser utilizados (Field, 2009), ou seja, esse tipo de estatística independe dos parâmetros populacionais e de suas respectivas estimativas.

#### 4. Análise e discussão dos resultados

A educação financeira tornou-se um componente essencial para uma vida adulta bem-sucedida, uma vez que a aprendizagem das finanças desempenha um papel central na formação de atitudes e comportamentos responsáveis no que tange à administração das finanças pessoais. No entanto, as evidências indicam que a educação financeira é ainda um fenômeno complexo e que pode apresentar-se de maneira distinta em diferentes perfis socioeconômicos e demográficos, em especial quando se refere ao gênero.

Neste cenário, inicialmente buscou-se identificar se realmente as diferenças apontadas na literatura entre os gêneros também se apresentam nesta pesquisa, com 489 estudantes universitários, totalizando 52,4% do gênero masculino e 47,6% mulheres. Para tal, a Tabela 1 apresenta as frequências de cada gênero nas respostas “não sei” e o percentual de acerto em cada uma das questões, divididas pelo nível de conhecimento financeiro correspondente.

**Tabela 1 – Frequência de respostas “não sei”, acerto em cada questão e teste Qui-quadrado para as questões de educação financeira, segundo o gênero e o nível de conhecimento**

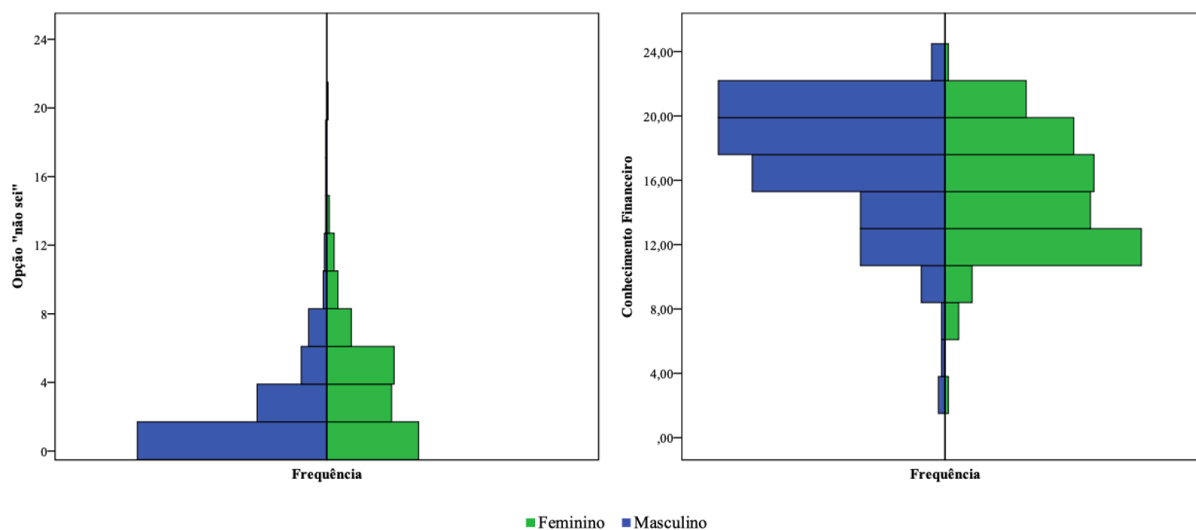
Nível de conhecimento financeiro	Questão	Percentual de "não sei"			Percentual de acertos		
		Homens	Mulheres	Qui-Quadrado valor (sig)	Homens	Mulheres	Qui-Quadrado Valor (sig)
Básico	9	6,30	4,60	0,680(0,268)	81,90	70,80	8,138(0,003)
	10	1,20	0,90	0,084(0,567)	97,60	96,40	0,666(0,293)
	11	0,40	0,50	0,011(0,712)	96,90	98,60	1,642(0,165)
	13	3,10	3,60	0,080(0,486)	94,90	95,50	0,090(0,468)
	16	3,10	5,90	2,147(0,107)	93,30	86,80	5,732(0,013)
	18	3,90	4,10	0,007(0,558)	94,10	91,90	0,939(0,215)

	19	5,50	5,40	0,001(0,576)	93,30	93,70	0,021(0,517)
	1	2,30	5,50	3,183(0,061)	92,20	84,90	6,269(0,009)
	2	5,50	11,40	5,478(0,015)	70,60	53,00	15,598(0,000)
	3	15,20	18,70	1,025(0,187)	48,00	37,40	5,410(0,013)
	4	10,60	30,30	28,837(0,000)	91,00	83,70	5,840(0,011)
Intermediário	6	3,90	10,40	7,784(0,004)	82,00	57,80	33,206(0,000)
	8	9,00	14,10	3,068(0,054)	73,00	65,00	3,603(0,036)
	12	5,50	14,50	10,005(0,001)	86,60	75,50	9,586(0,001)
	15	5,90	12,70	6,567(0,008)	88,20	77,80	9,149(0,002)
	17	22,00	20,80	0,092(0,424)	73,30	74,20	0,047(0,456)
	5	9,80	23,30	15,764(0,000)	36,20	29,70	2,268(0,079)
	7	6,20	15,50	10,663(0,001)	84,00	74,10	7,084(0,005)
	14	41,20	62,30	21,033(0,000)	17,30	13,60	1,176(0,169)
	20	10,70	22,70	12,548(0,000)	62,80	51,80	5,864(0,010)
Avançado	21	7,10	22,20	22,035(0,000)	56,90	41,60	11,028(0,001)
	22	18,60	42,10	31,312(0,000)	49,80	32,60	14,386(0,000)
	23	20,10	30,80	7,193(0,005)	16,10	16,30	0,002(0,532)
	24	19,40	29,00	5,789(0,011)	55,60	42,10	8,437(0,002)

Fonte: Dados da pesquisa

De forma geral, nota-se que na medida em que se avança no nível de conhecimento financeiro, aumenta também o percentual de indivíduos que marcam a alternativa “não sei”, além de reduzir o percentual de acerto das questões. Para as questões que compõem o conhecimento básico, não há associação entre marcar a alternativa “não sei” e o gênero, sendo que o percentual médio de acerto das mulheres é de 90,5% e dos homens 93,14%. No grupo de itens da educação financeira intermediária, em cinco das nove questões há uma associação entre gênero e respostas “não sei” e em oito das nove questões existe associação entre o percentual de acertos e o gênero. Além disso, as mulheres marcam mais “não sei” e apresentam menor nível de acertos na maioria das questões.

**Figura 1 - Frequência de respostas “não sei” e conhecimento financeiro por entrevistado, segundo o gênero**



Fonte: Dados da pesquisa

Nas questões de conhecimento avançado há uma associação significativa entre o gênero e o percentual de “não sei”, com as mulheres marcando mais vezes esta alternativa. Também nota-se que os percentuais de acerto diminuem consideravelmente em relação aos níveis anteriores, tanto para homens, como para mulheres, sendo as diferenças de gênero significativas em cinco das oito questões. Destaca-se o baixo percentual de acerto tanto de homens, quanto mulheres, das questões 14 e 23, as quais exigem conhecimento sobre nível atual de inflação no país e avaliação de probabilidades de resultados. Corroborando com esses dados, a Figura 1 apresenta o número de respostas “não sei” e de acertos por respondente.

Ao analisar os dados apresentados, percebe-se que dos respondentes, 5,9% das mulheres e 4,3% dos homens acertaram dez ou menos das 24 questões. Por outro lado, 11,3% das mulheres e 27,7% dos homens acertaram 20 ou mais questões. A mediana de acertos ficou em 15 questões para as mulheres e 18 para os homens, significando um acerto mediano de 62,5% e 75%, respectivamente, o que indica um nível de educação financeira intermediário, segundo a classificação de Chen e Volpe (1998). Assim, após conhecer os níveis de educação financeira dos estudantes, parte-se para a análise das diferenças encontradas entre os diferentes instrumentos de coleta de dados. Nas Tabelas 2 e 3 são apresentadas as diferenças entre os instrumentos e os gêneros, utilizando os testes não paramétricos.

**Tabela 2 – Teste Wilcoxon para conhecimento financeiro entre os instrumentos de coleta de dados**

Instrumento	Gênero	Média	Mediana	Desvio Padrão	Classificações Negativas (média)	Classificações Positivas (média)	Teste Wilcoxon Valor (sig)
Com “não sei”	Homem	17,27	18,00	3,43	70,27	102,73	-2,196(0,028)
Sem “não sei”		17,80	18,00	2,42			
Com “não sei”	Mulher	15,38	15,00	3,37	55,38	88,46	-6,021(0,000)
Sem “não sei”		16,67	17,00	2,48			

Fonte: Dados da pesquisa

Percebe-se que ambos os testes foram significativos, comprovando a existência do efeito *framing* para os dois gêneros. Nos instrumentos que apresentam a alternativa “não sei”, o conhecimento dos entrevistados é inferior, quando comparado aos instrumentos que não apresentam a alternativa. A diferença de médias entre os gêneros diminui quando retiramos a opção “não sei” como possibilidade de respostas, no instrumento com o “não sei” a diferença entre as médias de conhecimento financeiro ficou em 1,89, enquanto que no instrumento sem a opção do “não sei”, a diferença diminuiu para 1,13. Assim, o uso da opção “não sei” implica em um aumento médio de 67,26% na diferença de educação financeira entre homens e mulheres, confirmando a hipótese da pesquisa de que parte da diferença no nível de conhecimento financeiro entre homens e mulheres pode ser explicada pelo fato das mulheres marcarem mais a opção “não sei”.

**Tabela 3 – Teste Mann-Whitney para conhecimento financeiro entre os gêneros**

Instrumento	Média	Mediana	Desvio Padrão	Classificação Média (Homens)	Classificação Média (Mulheres)	Teste Mann-Whitney Valor (sig)
Com “não sei”	16,41	17	3,53	276,72	195,31	-6,458(0,000)
Sem “não sei”	17,29	18	2,52	237,63	181,37	-4,764(0,000)

Fonte: Dados da pesquisa

Outro teste para corroborar com os resultados é apresentado na Tabela 3, o qual se observa que em ambos os instrumentos há uma diferença significativa no nível de conhecimento entre os gêneros, com menor nível para as mulheres. A diferença nas classificações médias cai de 81,41 para 56,26 quando o instrumento não apresenta a opção “não sei”, confirmando novamente a hipótese de pesquisa. Tais achados são discutidos por Agarwalla *et al.* (2015) e Bucher-Koenen *et al.* (2017), em que uma possível explicação para as diferenças de gêneros pode estar na falta de confiança delas na



tomada de decisões e isso acarreta que as mulheres tendem a apresentar pontuações mais baixas do que os homens, além de que eles relatam ser muito confiantes sobre suas respostas.

Ainda com o intuito de apresentar uma maior robustez à análise, a amostra foi dividida em duas, sendo um grupo com 90 indivíduos que nunca marcaram a alternativa “não sei” e um grupo que marcou “não sei” em pelo menos em uma das questões (399 indivíduos). Os resultados encontrados são apresentados na Tabela 4.

**Tabela 4 – Teste Mann-Whitney para conhecimento financeiro entre amostras e gêneros**

Amostra	Instrumento	Média	Mediana	Desvio Padrão	Classificação Média (Homens)	Classificação Média (Mulheres)	Teste Mann-Whitney Valor (sig)
Nunca marcaram “não sei”	Com “não sei”	18,86	19,00	2,64	46,69	42,86	-0,651(0,515 )
	Sem “não sei”	18,00	18,00	2,41	45,19	39,80	-0,940(0,347 )
Marcaram “não sei”	Com “não sei”	15,86	16,00	3,44	206,24	143,22	-5,860(0,000 )
	Sem “não sei”	17,04	17,00	2,55	172,76	130,24	-4,265(0,000 )

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados mostram que quando a opção “não sei” não foi selecionada, não houve diferença significativa no nível de conhecimento financeiro entre homens e mulheres. Com isso, constata-se que caso o questionário não tivesse a opção “não sei” para ser marcada, o nível de educação financeira de homens e mulheres seria o mesmo, sem apresentar diferença estatística. Já no outro grupo, em que ao menos uma vez a opção “não sei” foi assinalada, o nível de conhecimento dos homens é superior ao das mulheres, sendo a diferença de gênero menor nos instrumentos sem a opção “não sei”. Portanto, novamente, tem-se resultados que corroboram com o argumento de que parte das diferenças entre gêneros é devida ao uso da alternativa “não sei”.

Tais resultados corroboram as evidências apontadas pelo último levantamento do Índice de Finanças Pessoais (TIAA Institute - GFLEC P-Fin Index) proposto por Jakoboski *et al.* (2018), em que os autores afirmam que uma resposta “não sei” pode apresentar mais informações do que uma simples resposta incorreta: a resposta “não sei” geralmente representa uma lacuna maior de conhecimento e compreensão do tema do que uma resposta incorreta, pois denota que falta para o indivíduo até mesmo o conhecimento básico para arriscar uma resposta. Também há evidências de que respostas “não sei” representem a falta de confiança do indivíduo acerca de seu conhecimento sobre o tema questionado (Jakoboski *et al.*, 2018).

Constata-se com isso, um avanço nos estudos sobre o tema da educação financeira, em que outras variáveis psicológicas podem estar interferindo nas medidas de mensuração. Um dos principais produtos que se espera com esta pesquisa refere-se à conscientização dos agentes financeiros públicos e privados de que a análise do perfil comportamental dos indivíduos deve ser incorporada aos modelos já existentes para uma melhoria da previsão de inadimplência das famílias. Ressalta-se ainda que, conforme já demonstrado pela literatura, o descontrole financeiro traz consequências como a marginalização e exclusão social, assim como doenças físicas e mentais, que no futuro podem além de agravar o nível de inadimplência no país, aumentar os gastos para atendimento psicológicos e de saúde pública.

## 5. Considerações finais

A educação financeira tornou-se um elemento importante de estabilidade econômica e financeira, tanto para o indivíduo, como para a economia. Neste panorama, o que os adultos sabem sobre finanças torna-se importante por causa das muitas responsabilidades financeiras pessoais que os indivíduos assumem ao longo da vida. Isso acontece porque cada vez mais devem gerenciar orçamentos familiares sujeitos às restrições de renda, comprar produtos e serviços, monitorar contas financeiras, lidar com cartões de crédito e poupar ou investir para um evento futuro, como a faculdade de um filho ou a sua aposentadoria. No entanto, a dificuldade em saber tudo o que uma pessoa deveria conhecer sobre finanças pessoais em um mundo financeiro em constante mudança e cada vez mais complexo é um enorme desafio, mesmo para os adultos mais educados (Allgood & Walstad, 2016).

Dada essa importância e pela literatura apresentar diferenças existentes no nível de educação financeira entre diferentes perfis, este trabalho inovou ao buscar as evidências empíricas de que maiores níveis de educação financeira dos homens em relação às mulheres podem ser parcialmente explicadas pelo uso da alternativa de resposta “não sei” nos instrumentos de pesquisa. Como principais achados, confirmam-se as diferenças de gênero, também evidenciadas por Klapper e Lusardi (2020) e outros autores. No entanto, este trabalho avança ao demonstrar que as mulheres utilizam mais a alternativa “não sei”, especialmente nas questões que representam níveis mais avançados de conhecimento financeiro. Mais especificamente, constata-se que o uso do “não sei” aumenta, em média, a diferença de gênero em 67%, comprovando a existência do efeito *framing* para os dois gêneros.

Diante dessas evidências, é importante que os pesquisadores analisem em quais situações o uso da alternativa “não sei” é realmente importante e qual tratamento deverá ser incorporado às suas análises para avaliação do seu impacto, especialmente em estudos que envolvem questões de gênero. Além disso, dadas as muitas diferenças de educação financeira entre diferentes grupos socioeconômicos e demográficos, pode ser importante se concentrar naqueles mais vulneráveis e, por exemplo, criar programas direcionados a estes grupos. Principalmente ao detectar se o que as pesquisas encontram que as mulheres são menos educadas financeiramente é consequência da sua educação financeira ou se estes baixos índices estão relacionados a sua menor autoconfiança. Ademais, com a disponibilidade de dados sobre educação financeira, também é possível explicar melhor as causas e consequências do analfabetismo financeiro e essa informação, por sua vez, pode auxiliar a enriquecer o quadro para estudar a tomada de decisão financeira (Lusardi, 2015).

Além disso, por tratar-se de um tema complexo, a partir dos achados desta pesquisa, poderá ser possível sugerir metodologias mais específicas a fim de promover, por exemplo, projetos de extensão que visem à realização de cursos de educação financeira, não apenas focados para o ensino de conceitos financeiros, mas sim, com dicas e práticas possíveis para a melhoria de atitudes e comportamentos financeiros, e ainda, ações que desenvolvam a autoconfiança dos indivíduos, em especial, das mulheres.

Salienta-se que este estudo possui limitações. Primeiramente, a pesquisa foi realizada com estudantes universitários, público diferenciado quando comparado com a população em geral. Além disso, como 51,50% da amostra estava no máximo no quinto semestre do curso, é possível que a diferença em termos de conhecimento afete as respostas dadas pelos estudantes.

Ademais, pesquisas futuras podem avançar na busca de razões pelas quais as mulheres marcam mais “não sei”, especialmente nas questões de conhecimento mais avançadas. Barber e Odean (2001), por exemplo, já evidenciaram que existe uma lacuna de confiança entre homens e mulheres, o que pode ser um primeiro indicativo. Com isso, construtos como autoconfiança e locus de controle, bem como avaliação da experiência prévia com gestão financeira pessoal, podem ser promissores.

## Referências

- Agarwalla, S. K., Barua, S., Jacob, J., & Varma, J. R. (2015). Financial Literacy among Working Young in Urban India. *World Development*, 67, 101-109.
- Agnew, J. R., Bateman, H., & Tharp, S. (2013). Financial literacy and retirement planning in Australia. *Numeracy*, 6(2), art. 7.
- Alessie, R., Van Rooij, M., & Lusardi, A. (2011). Financial literacy and retirement preparation in the Netherlands. *Journal of Pension Economics and Finance*, 10, 527-545.
- Ambuehl, S., Bernheim, D., & Lusardi, A. (2014). *Financial Education, Financial Competence, and Consumer Welfare*. GFLEC Working Paper Series 20618.
- Allgood, S., & Walstad, W. B. (2016). The effects of perceived and actual financial literacy on financial behaviors. *Economic Inquiry*, 54(1), 675-697.
- Arrondel, L., Debbich, M., & Savignac, F. (2013). Financial literacy and financial planning in France. *Numeracy*, 6(2), art. 8.
- Atkinson, A., & Messy, F. (2012). *Measuring financial literacy: results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) pilot stud*. In: <http://dx.doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en>.
- Barber, B. M., & Odean, T. (2001). Boys will be boys: Gender, overconfidence, and common stock investment. *The Quarterly Journal of Economics*, 116(1), 261-292.
- Beckmann, E. (2013). Financial literacy and household savings in Romania. *Numeracy*, 6(2), art. 9.
- Brown, M., Graf, R. (2013). Financial literacy and retirement planning in Switzerland. *Numeracy*, 6(2), art. 6.
- Bucher-Koenen, T., Lusardi, A., Alessie, R., & Van Rooij, M. (2017). How Financially Literate are Women? An Overview and New Insights. *The Journal of Consumer Affairs*, 51(2), p. 255-283.
- Chen, H., & Volpe, R. P. (1998). An analysis of personal financial literacy among college students. *Financial Services Review*, 7(2), 107-128.

- Clark, R. L., Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2015). Financial Knowledge and 401(K) Investment Performance. *Journal of Pension Economics & Finance*, 10(4), 509-525.
- Clark, R., Maki, J., & Morrill, M. (2014). Can Simple Informational Nudges Increase Employee Participation in a 401(k) Plan?. *Southern Economic Journal*, 80.
- Cozby, P. C. (2006). *Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Crossan, D., Fessler, D., & Hurnard, R. (2011). Financial literacy and retirement planning in New Zealand. *Journal of Pension Economics and Finance*, 10, 619-635.
- Cupák, A., Fessler, P., Schneebaum, A., & Silgoner, M. (2018). Decomposing gender gaps in financial literacy: New international evidence. *Economics Letters*, 168, 102-106.
- Driva, A., Lührmann, M., & Winter, J. (2016). Gender differences and stereotypes in financial literacy: Off to an early start. *Economics Letters*, 146, 143-146.
- Falahati, L., & Paim, L. H. (2012). Experiencing financial problems among university students: an empirical study on the moderating effect of gender. *Gender in Management: An International Journal*, 27(5), 315-330.
- Field, A. *Descobrimos a estatística usando o SPSS*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- Fornero, E., & Monticone, C. (2011). Financial literacy and pension plan participation in Italy. *Journal of Pension Economics and Finance*, 10, 547-564.
- Goyal, K., & Kumar, S. (2021). Financial literacy: A systematic review and bibliometric analysis. *International Journal of Consumer Studies*, 45(1), 80-105.
- Hastings, J., & Mitchell, O. S. (2020). How financial literacy and impatience shape retirement wealth and investment behaviors. *Journal of Pension Economics & Finance*, 19(1), 1-20.
- Heinz, M. U., Quintana, A. C., & Cruz, A. P. C. (2019). Desenvolvimento cognitivo e afetivo dos estudantes de Contabilidade - influência do método de caso à luz da Taxonomia de Bloom. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade - REPeC*, 13(4), art. 4, 410-428.
- Huston, S. J. (2010). Measuring financial literacy. *The Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 296-316.
- Kahneman, D. (2013). *Thinking, fast and slow*. Farrar Straus Giroux.
- Klapper, L., Lusardi, A., & Panos, G. A. (2013). Financial literacy and its consequences: Evidence from Russia during the financial crisis. *Journal of Banking & Finance*, 37, 3904-3923.
- Klapper, L., & Lusardi, A. (2020). Financial literacy and financial resilience: Evidence from around the world. *Financial Management*, 49(3), 589-614.
- Klapper, L., & Panos, G. A. (2011). Financial literacy and retirement planning: the Russian case. *Journal of Pension Economics and Finance*, 10, 599-618.
- Lusardi, A. (2015). Financial Literacy Skills for the 21st Century: Evidence from PISA. *The Journal of Consumer Affairs*, 49(3), 639-659.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2008). Planning and financial literacy: How do women fare? *American Economic Review*, 98(2), 413-17.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence. *Journal of Economic Literature*, 52(1), 5-44.
- Lusardi, A., Oggero N., & Yakoboski P. J. (2017). *The TIAA Institute-GFLEC Personal Finance Index: A New Measure of Financial Literacy*. Global Financial Literacy Excellence Center (GFLEC).
- Malhotra, N. K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 6. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- Mccormeck, M. H. (2009). The effectiveness of youth financial education: a review of the literature. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 20(1), 70-83.
- Mitchell, O. S., & Lusardi, A. (2015). Financial Literacy and Economic Outcomes: evidence and policy implications. *Journal of Retirement*, Summer, 107-114.
- Mottola, G. R. (2013). In our best interest: Women, financial literacy, and credit card behavior. *Numeracy*, 6(2), 4.
- National Financial Capability Study [NFCS]. (2013). *Report of findings from the 2012 Financial Industry Regulatory Authority*. In: [http://www.usfinancialcapability.org/downloads/NFCS\\_2012](http://www.usfinancialcapability.org/downloads/NFCS_2012).
- Opletalová, A. (2015). Financial education and financial literacy in the Czech education system. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 171, 1176-1184.
- Organization for Economic Co-Operation and Development [OECD]. (2013). *Financial literacy and inclusion: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender*. OECD Publishing, Paris.
- \_\_\_\_\_. (2018). *OECD/INFE Toolkit for Measuring Financial Literacy and Financial Inclusion*. OECD Publishing, Paris.
- Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Kirch, G. (2015). Determinants of Financial Literacy: Analysis of the Influence of Socioeconomic and Demographic Variables. *Revista Contabilidade & Finanças*, 26(69), 362-377.
- President's Advisory Council on Financial Capability. (2010). *U.S. Department of the Treasury*.
- Reed, M., & Cochrane, D. (2012). *Student Debt and the Class of 2011*. Project on Student Debt.

- Remund, D. L. (2010). Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. *The Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 276-295.
- Rink, U., Walle, Y. M., & Klasen, S. (2021). The financial literacy gender gap and the role of culture. *The Quarterly Review of Economics and Finance*, 80, 117-134.
- Robb, C. A., Babiartz, P., & Woodyard, A. (2012). The demand for financial professionals' advice: The role of financial knowledge, satisfaction, and confidence. *Financial Services Review*, 21(4).
- Sekita, S. (2011). Financial literacy and retirement planning in Japan. *Journal of Pension Economics and Finance*, 10(4), 637-656.
- Van Rooij, M., Lusardi, A., & Alessie, R. (2011). Financial literacy and stock market participation. *Journal of Financial Economics*, 101, 449-472.
- Vieira, K. M., Potrich, A. C. G., & Bressan, A. A. (2020). A proposal of a financial knowledge scale based on item response theory. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 28, 100405.
- Yakoboski, P., Lusardi, A., & Hasler, A. (2018). *The 2018 TIAA Institute-GFLEC Personal Finance Index. The State of Financial Literacy among U.S. Adults.*

### Anexo 1 - Instrumento de coleta de dados

**Gênero:**

- Masculino.  
 Feminino.

**1. Suponhamos que você coloque R\$ 100,00 em uma poupança que rende 2% ao ano. Você não faz nenhum outro depósito, nem retira nenhum dinheiro desta conta. Quanto você teria nesta conta ao final do primeiro ano, contando com os juros?**

- 1.1  R\$ 98,00.                      1.3  R\$ 102,00.                      1.5  Não sei.  
1.2  R\$ 100,00.                      1.4  R\$ 120,00.

**2. E qual seria o saldo daqui a cinco anos, se você também não fizer nenhum depósito ou saque no período?**

- 2.1  Mais que R\$ 110,00.                      2.4  É impossível dizer a partir dessas informações.  
2.2  Exatamente R\$ 110,00.  
2.3  Menos que R\$110,00.                      2.5  Não sei.

**3. Suponha que José herde R\$ 10.000,00 hoje e Pedro herde R\$ 10.000,00 daqui a 3 anos. Devido à herança, quem ficará mais rico?**

- 3.1  José.                      3.3  São igualmente ricos.                      3.4  Não sei.  
3.2  Pedro.

**4. Imagine que a taxa de juros incidente sobre sua conta poupança seja de 6% ao ano e a taxa de inflação seja de 10% ao ano. Após 1 ano, o quanto você será capaz de comprar com o dinheiro dessa conta? Considere que não tenha sido depositado e nem retirado dinheiro.**

- 4.1  Mais do que hoje.    4.2  Exatamente o mesmo.                      4.3  Menos do que hoje.                      4.4  Não sei.

**5. Considerando-se um longo período de tempo (ex.: 10 anos), qual ativo, normalmente, oferece maior retorno?**

- 5.1  Poupança.                      5.3  Títulos públicos.                      5.4  Não sei.  
5.2  Ações.

**6. Normalmente, qual ativo apresenta as maiores oscilações ao longo do tempo?**

- 6.1  Poupança.                      6.3  Títulos públicos.                      6.4  Não sei.  
6.2  Ações.

**7. Quando um investidor distribui seu investimento entre diferentes ativos, o risco de perder dinheiro:**

- 7.1  Aumenta.                      7.3  Permanece inalterado.                      7.4  Não sei.  
7.2  Diminui.

**8. Um empréstimo com duração de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais maiores do que um empréstimo de 30 anos, mas o total de juros pagos ao final do empréstimo será menor. Essa afirmação é:**

- 8.1  Verdadeira.                      8.2  Falsa.                      8.3  Não sei.

**9. Suponha que você realizou um empréstimo de R\$ 10.000,00 para ser pago após um ano e o custo total com os juros é R\$ 600,00. A taxa de juros que você irá pagar nesse empréstimo é de:**



9.1 ( ) 0,3%.      9.2 ( ) 0,6%.      9.3 ( ) 3%.      9.4 ( ) 6%.      9.5 ( ) Não sei.

**10. Suponha que você viu o mesmo televisor em duas lojas diferentes pelo preço inicial de R\$ 1.000,00. A loja A oferece um desconto de R\$ 150,00, enquanto a loja B oferece um desconto de 10%. Qual é a melhor alternativa?**

10.1 ( ) Comprar na loja A (desconto de R\$ 150,00).      10.3 ( ) Não sei.  
10.2 ( ) Comprar na loja B (desconto de 10%).

**11. Imagine que cinco amigos recebem uma doação de R\$ 1.000,00 e precisam dividir o dinheiro igualmente entre eles. Quanto cada um vai obter?**

11.1 ( ) R\$ 100,00.    11.2 ( ) R\$ 200,00.    11.3 ( ) R\$ 1.000,00.      11.4 ( ) R\$ 5.000,00.      11.5 ( ) Não sei.

**12. Agora imagine que um dos amigos tenha recebido o dinheiro e guardado no seu cofre em casa. Considerando que a inflação é de 5% ao ano, após um ano ele será capaz de comprar:**

12.1 ( ) Mais do que compraria hoje.      12.4 ( ) Não sei.  
12.2 ( ) Menos do que compraria hoje.  
12.3 ( ) A mesma quantidade do que compraria hoje.

**13. Suponha que você pegasse emprestado R\$ 100,00 de um amigo e após uma semana pagasse R\$ 100,00 (cem reais). Quanto de juros você está pagando?**

13.1 ( ) 0%.      13.3 ( ) 2%.  
13.2 ( ) 1%.      13.4 ( ) Não sei.

**14. No Brasil, a taxa acumulada de inflação fechou 2017 em qual patamar?**

14.1 ( ) 0%.      14.3 ( ) Entre 5 e 8%.      14.5 ( ) Não sei.  
14.2 ( ) Entre 1 e 4%.      14.4 ( ) Entre 9 e 12%.

**15. Um investimento com alta taxa de retorno terá alta taxa de risco. Essa afirmação é:**

15.1 ( ) Verdadeira.      15.2 ( ) Falsa.      15.3 ( ) Não sei.

**16. Quando a inflação aumenta, o custo de vida sobe. Essa afirmação é:**

16.1 ( ) Verdadeira.      16.3 ( ) Não sei.  
16.2 ( ) Falsa.

**17. Sempre que alguém paga o valor mínimo da fatura do cartão de crédito está sujeito a juros sobre o saldo remanescente. Esta afirmação é:**

17.1 ( ) Verdadeira.      17.2 ( ) Falsa.      17.3 ( ) Não sei.

**18. Uma boa forma para controlar os gastos mensais é fazer um orçamento. Esta afirmação é:**

18.1 ( ) Verdadeira.      18.3 ( ) Não sei.  
18.2 ( ) Falsa.

